

Todo povo tem história. Todo cinema conta uma história

Maria Ignês Carlos Magno

Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi.

E-mail: unsigster@gmail.com

Resumo: *E Buda desabou de vergonha*, é o título do filme escolhido para esta resenha. Dirigido por Hana Makhmalbaf e baseado no livro *Buda az Sharm Foru Rikht*, de Mohsen Makhmalbaf, o filme conta a história de Baktay, uma menina de seis anos, de origem afegã, pertencente a etnia hazara que vive na cidade de Bamyán, onde havia o conjunto escultórico dos *Budas em pé* destruído pelo talibã em 2001. Visto que uma das propostas da resenha é estudar as relações entre a comunicação e a educação, proponho uma leitura do filme com o objetivo de perceber como o cinema de Hana Makhmalbaf nos mostra ao mesmo tempo uma narrativa ficcional e aspectos da história, da geografia, da cultura hazara e do próprio cinema.

Palavras-chave: cinema iraniano; narrativa ficcional; história; geografia; Hana Makhmalbaf.

Abstract: *And Buddha collapsed in shame*, is the title of the film chosen for this review. Direct by Hana Makhmalbaf and based on the book *Buda az Sharm Foru Rikht*, of Moshen Makhmalbaf, the film tells the story of Baktay, a six-year-old girl of Afghan origin, belonging to the Hazara ethnic group living in the city of Bamyán, where the standing Buddhas' sculptural ensemble was destroyed by the Taliban in 2001. Given that one the proposals to review is the study the relations between communicatios and education, I propose to conduct a study of the film in order to understand how the cinema shows the fictional narrative and the aspects of history, geography, ethnicity and cinema itself.

Keywords: Iranian cinema; fictional narrative; history; geography; Hana Makhmalbaf.

1. INTRODUÇÃO

E Buda desabou de vergonha (2007), dirigido por Hana Makhmalbaf, é baseado no livro *Buda az Sharm Foru Rikht*, de Mohsen Makhmalbaf, e conta a história de Baktay, uma menina afegã de seis anos que pertence à etnia hazara. A protagonista vive com sua família em Bamyan, cidade que abrigava monumentais estátuas dos Budas esculpidos nas montanhas, destruídas pelas milícias talibã em 2001. Provocada por Abbas, um garoto que vivia próximo à caverna onde ela mora e que lia histórias em voz alta, Baktay decide ir à escola para aprender a ler. No entanto, para ir à escola e “aprender histórias divertidas”, como dizia, era preciso um caderno, um lápis e chegar à outra margem do rio, onde estava localizada a escola para meninas. A partir disso, começa a história de Baktay.

Ao acompanharmos a narrativa, iniciamos uma trajetória de aprendizado proporcionada pelo cinema de Hana Makhmalbaf. O filme apresenta um povo que fabrica o pão com a mesma técnica utilizada há milhares de anos, como se há muito o tempo tivesse parado. Mas apesar da noção ocidental de que essa cultura é arcaica e pouco evoluída, ela é, na verdade, rica e poderosa. Desde as cores e a delicadeza dos trajes das mulheres à avançada matemática ensinada em lousas improvisadas nas escolas ao ar livre, Hana revela a complexa história de um povo que vive num território disputado pelas potências estrangeiras, ao mesmo tempo que convive com conflitos internos entre as etnias que compõem o Afeganistão e lutam pelo controle do país. É nesse contexto que a cineasta mostra a luta de Baktay, cujas armas, em oposição ao armamento letal dos Talibã, eram um caderno, um batom que tomou o lugar do lápis e a determinação de aprender a ler.

Com tantas outras opções, pode parecer inusitado trazer um filme de 2007 em pleno 2022, porém *E Buda desabou de vergonha* permanece atual diante do retrocesso da situação feminina no Afeganistão após a retomada do país pelo Talibã em 2021, com a imposição de uma série de restrições às mulheres. Mesmo sabendo que o filme é uma ficção, é impossível não nos perguntarmos: quantos anos tem a personagem Baktay hoje? 15? Será que conseguiu frequentar a escola de meninas? Como se sente diante de um cotidiano que não é feito mais de meninos brincando de pertencerem ao Talibã? Que terá sido feito das escolas, tão importantes para o povo hazara da região de Bamyan?

Visto que uma das propostas da resenha é estudar as relações entre a comunicação e a educação, a partir das questões pontuadas, proponho uma leitura do filme com o objetivo de perceber como o cinema de Hana Makhmalbaf nos mostra ao mesmo tempo uma narrativa ficcional e aspectos da história, da geografia, da cultura hazara e do próprio cinema.

2. TODO POVO TEM HISTÓRIA

A primeira cena do filme é a explosão dos Budas no Vale de Bamyan. O fato histórico que chocou o mundo em março de 2001 foi o ato final de um processo iniciado em 1999, quando um grupo radical do Talibã invadiu a

cidade, tornando parte da população refém e a obrigando a destruir os monumentais Budas – um dos símbolos religiosos do lugar – escavados nas rochas por volta do século V. As estátuas mediam entre 55 e 58 metros e eram os maiores Budas em pé esculpidos no mundo. Bamyán também fez parte da antiga Rota da Seda, caminho que ligava a China e a Índia, região onde havia muitos mosteiros budistas e onde a religião, a filosofia e a arte budista floresceram entre os séculos II e VII, quando houve a conquista árabe da região. Essa cidade, de acordo com relatos de peregrinos, possuía cerca de dez mosteiros e mais de mil monges que habitavam as pequenas cavernas existentes nas laterais das rochas e costumavam embelezar seus lares com estátuas religiosas e afrescos.

Após a explosão, Hana nos mostra a imagem das cavernas habitadas por muitas famílias. Duas dessas são as casas das personagens Baktay e Abbas da etnia hazara, cujo idioma é o hazaragi – uma mistura do persa com sua origem mongol –, e que habita a região central do Afeganistão conhecida como Hazarajat. As montanhas de Bamyán foram rigorosamente selecionadas pelo olhar geográfico pela cineasta para contar a história da protagonista, de Abbas, dos meninos talibãs, das meninas prisioneiras, do cotidiano, da cultura, das escolas, dos professores e das paisagens.

Com a caminhada de Abbas em direção às cavernas enquanto recita em voz alta a lição aprendida na escola, tem início a história do filme. Os Budas já eram ruínas e as crianças vivem o dia a dia de sua infância. O que restou dos Budas eram, agora, pedras espalhadas pelo chão que os meninos talibãs usavam para atirar nas meninas que, com os rostos descobertos, se fingiam de prisioneiras. A brincadeira não se resumia apenas em atirar os restos das estátuas nas meninas, mas as pedras precisavam ser dos pés dos Budas destruídos. É por meio de personagens crianças e suas histórias que Hana constrói a narrativa e, partindo de uma trama muito simples – o desejo de uma menina de seis anos que resolve ir à escola custe o que custar –, nos permite ver as mudanças ocorridas após a retomada da região pelo Talibã em 2001.

3. TODO CINEMA CONTA UMA HISTÓRIA

Quem conduz nosso olhar até as montanhas e nos apresenta Baktay é Abbas, o menino leitor que recita em voz alta as lições aprendidas na escola para meninos. Conforme Abbas se aproxima da casa caverna, ouvimos duas mulheres discutirem que a atitude do menino acordará uma criança. Uma das vozes manda amarrar os pés de Abbas para que ele fique em casa e não perturbe o sono do bebê. As personagens que não vemos, apenas ouvimos, são as mães de Abbas e Baktay. Mesmo amarrado, Abbas continua a ler seu caderno de histórias, atraindo Baktay para perto dele. Assim conhecemos a menina que nos levará para dentro da ficção.

Na conversa sobre a leitura e o maravilhoso que existe nas páginas do livro, Abbas desperta a curiosidade da protagonista quanto às imagens e palavras,

desafiando-a a lê-las. Baktay e Abbas conversam sobre a história que ele aprendeu e, a partir disso, ela decide que vai à escola. O menino responde que, para isso, são necessários um caderno e um lápis, começando aqui a luta e a determinação de Baktay para consegui-los. Assim, se inicia nossa participação na dupla história que Hana nos conta: a de Baktay, e a do povo hazara que vive na cidade de Bamyan tomada pelo Talibã.

A personagem principal é responsável pela irmã, que dorme enquanto sua mãe busca água na fonte do local, porém ela precisa ir até o vilarejo comprar o caderno e o lápis. Como não tem com quem deixar o bebê, Baktay amarra a criança com uma corda, saindo em busca do que precisa, e ao chegar à loja, descobre ser necessário ir até a montanha para conseguir dinheiro. A partir dessa jornada, conhecemos as pessoas que habitam o lugar, as profissões e os hábitos locais.

Ninguém lhe dá o dinheiro, mas indicam meios para adquiri-lo. O primeiro jeito foi tentar vender os ovos que tinha em casa mas, em vez de comprá-los, os personagens no caminho pedem que traga outras coisas para eles. Um velho e seu filho forjam instrumentos e pedem que traga um pão, e lá vai Baktay atrás da fazedora de pães, que utiliza uma técnica milenar de fabricação em fornos submersos na terra. Enfim, em troca do pão, ela recebe uma parte do que precisa para os materiais escolares.

Aqui interessa observar que no caminhar e na persistência da menina para conseguir o dinheiro, em contraste com a aridez do lugar e a aparente indiferença das pessoas, todos a tratam com gentileza e lhe apontam soluções. Ao conseguir metade do que precisava, a protagonista volta à lojinha e tenta comprar o material. Como a quantia só dava para comprar um dos objetos, o rapaz lhe pergunta: “Qual vai levar? O caderno ou o lápis?”. Nesse momento, a câmera foca no rostinho redondo e sorridente de Baktay que, pensando por alguns instantes, opta pelo caderno. Na volta para casa, ela combina com Abbas sua ida à escola, mas faltava o lápis. Aqui entra um elemento inesperado: um batom que Baktay pega entre os objetos pessoais de sua mãe. Pronto, ela já tinha o caderno e o batom para escrever. “Seria só uma solução para o roteiro?” É uma das perguntas que fazemos. Por que o batom? Como nada em um filme é colocado por acaso e porque o cinema é um truque, resta-nos acompanhar o caderno e o batom na história de Hana Makhmalbaf.

No caminho para a escola, Baktay e Abbas conversam até chegarem à sala de aula. Em céu aberto, com fileiras de carteiras, meninos comportados ouvem as lições do professor. O abecedário era ensinado e repetido. Ao se aproximarem, o professor briga com Abbas pelo atraso, aplicando-lhe um castigo e dizendo para a menina que ela não podia ficar ali, porque a escola era só para meninos. Ela teria que procurar a escola para meninas, que ficava do outro lado do rio, e, assim, a protagonista retoma o seu caminho.

Neste trajeto ela é perseguida por um grupo de meninos que brincam de Talibã. Com armas feitas de galhos de árvore, os meninos cercam Baktay e decretam seu aprisionamento. Ante o xingamento e acusações, ela se defende e tenta explicar que precisa chegar à escola de meninas do outro lado do rio

e que está atrasada. Os meninos talibã ignoram suas explicações, tiram dela o caderno, arrancam as folhas para fazer aviões e decidem que vão apedrejá-la. Ela chora porque está atrasada, porque eles estão deixando a roupa dela suja e porque não quer brincar de apedrejamento.

Ignorando o choro e o pedido, o “chefe” a leva até uma caverna, onde se encontram mais três meninas aprisionadas, com os rostos cobertos por sacos de papel. Baktay as observa e pergunta por que estão ali, por que não tentaram fugir e por que estão com o rosto coberto. A personagem, então, tira o saco da cabeça da primeira menina, olha em seus olhos e diz que foram cobertos porque ela tem olhos lindos, e assim faz com as outras duas, encontrando uma justificativa para estarem aprisionadas. Então, pega o batom e passa nas bochechas e nos lábios das “prisioneiras”. Com isso, entendemos que o batom, símbolo de beleza e feminilidade, não foi só um recurso de roteiro para substituir o lápis, mas um elemento de transgressão na história das mulheres submetidas a um regime no qual o rosto não pode ser mostrado.

Sem medo do menino chefe do talibã, ela foge da caverna e da prisão e retoma sua jornada em busca da escola. Sempre com o caderno em mãos, com as folhas rasgadas e usadas como aviões de guerra e de barco que desliza sobre as águas do rio, ela chega até a escola de meninas e entra na sala de aula, onde não há um lugar para ela. A professora, virada para a lousa, escreve o abecedário e pede que as meninas copiem. Num silêncio ruidoso, Baktay tenta arrumar um lugar para sentar-se. Nenhum espaço é aberto e nenhuma menina lhe cede um lugar, porém ela não desiste, aproveitando o momento em que a professora pede a uma das alunas que busque um giz para sentar-se em seu lugar. Fixando-se na lousa e nos movimentos da professora, a protagonista finalmente abre o caderno de capa amarela, pega o batom e põe-se a copiar o abecedário.

A dona do lugar chega, iniciando um novo tumulto. Quando começam a rir do batom-lápis de Baktay, ela o passa nas bochechas e nos lábios das meninas. A brincadeira estava instaurada e, ao se virar para a sala, a professora percebe que estão todas maquiadas, repreendendo Baktay e lhe dizendo que está na classe errada, mandando que se retire. Depois de tanta luta, é proibida de ficar na sala de aula para meninas, devendo tomar o caminho de volta.

Nesse momento, Abbas e Baktay se reencontram. Enquanto caminham e conversam sobre a aula e a escola, o menino pergunta se ela tinha aprendido histórias divertidas, ao que responde que não aprendeu, mas criou ela mesma. Um de seus contos acontece durante a caminhada na busca pela escola de meninas, quando chega em uma classe de meninos em plena aula de matemática. A lousa é mínima, mas é possível ver pela explicação do professor que se trata de uma matemática avançada. Proibida de ficar ali, a personagem toca um sino que avisa as pessoas de possíveis ataques aéreos. Todos saem correndo. Ela ri e continua os traços geométricos, sentando-se sozinha em um dos bancos para apreciar a lousa.

Emboscados novamente pelos meninos talibãs, Baktay sai correndo e os meninos a perseguem. Ela, então, entra num campo onde outros homens estão

com os mesmos capuzes de papel roçando a plantação. Parada no meio do campo, ela ouve os gritos de Abbas dizendo que ela só ficará viva se morrer. É necessário entrar no jogo e morrer para continuar viva. Ela levanta as mãos com o caderno e cai, mostrando a cena inicial da explosão dos Budas desabando.

Assim termina a história de Baktay e sua determinação para ir à escola “aprender histórias divertidas”. Como o cinema pensa e nos faz pensar, algumas perguntas que fazemos são: que outras histórias um filme pode nos contar? O que as imagens podem nos revelar? Como podemos aprender com elas? Por que Hana começou e terminou seu filme com a mesma imagem?

4. O CINEMA PENSA ATRAVÉS DAS IMAGENS

Pela tela da televisão, o mundo todo pode assistir ao momento em que a estátua do Buda em pé, esculpido nas montanhas de Bamyán e considerada patrimônio mundial pela Unesco, foi destruída pelo regime dos talibãs. As imagens da explosão chocaram uma parte do mundo que considerava as esculturas esculpidas nas encostas das montanhas arte e cultura material dos povos. Mas, nem todos os povos e nem todas as pessoas pensam as imagens da mesma maneira. Na época, os talibãs explicaram que se tratava de um combate à idolatria. De acordo com o geógrafo Paulo Cesar da Costa Gomes, “esse ato é um episódio a mais em uma longa série de eventos, momentos de crise em relação às imagens, as iconoclastias. Entre os episódios mais conhecidos da história está a do islamismo, no século VII”¹, período em que a região foi conquistada pelos árabes.

É certo que não é só o islamismo que combate a idolatria, o cristianismo e o judaísmo também o fizeram durante suas histórias. De acordo com essas três religiões, “Deus está gravado nas palavras, mas não pode ser fixado em imagens [...] a verdade nos possa ser revelada através das palavras e se esconda sempre nas imagens”². Portanto, as estátuas, aos olhos do talibã, representavam heresias esculpidas em pedras, ídolos não islâmicos, daí a necessidade de destruí-las e impor seu poder na região e sobre os hazara, que apesar de comporem até um quinto da população afegã, sempre foram vistos como estrangeiros e inferiores aos pashtuns, a maioria étnica no Afeganistão.

Se no curso da história tivemos, e ainda temos, momentos de crise em relação às imagens, o cinema tem nelas a sua riqueza maior. A partir da pergunta de Paulo Cesar da Costa Gomes, “de que forma as imagens podem ser instrumentos para pensar, ao mesmo tempo que são objetos do olhar?”³ e da discussão sobre as expressões, ponto de vista, composição e exposição, podemos chegar às imagens do filme e ao olhar de Hana sobre a história, a geografia e o próprio cinema. Não se trata aqui de um estudo aprofundado como o de Costa Gomes sobre a geografia da visibilidade, mas de uma proposta de leitura além da temática do filme, na tentativa de assimilar as aproximações entre o olhar do geógrafo e o da cineasta.

1 GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, p. 136.

2 Ibidem, p. 136.

3 Ibidem, p. 9.

O primeiro ponto que chama nossa atenção após a explosão dos Budas de Bamyán é a não continuidade da história dos talibãs e a série de atentados e destruições após a tomada da região em 2001, como se fosse um documentário. Não, a história que Hana nos conta é a de Baktay e sua luta para ir à escola junto com seu amigo Abbas e “aprender histórias divertidas”. Mas a única parte divertida é mesmo a história que Abbas lê para ela, porque a realidade deles é dura: são crianças que vivem em cavernas nas montanhas, onde se refugiaram inúmeras famílias para fugirem dos ataques talibã que destruíram as plantações, as vilas e os mercados que abasteciam a cidade.

As montanhas e as cavernas foram o lugar geográfico que Hana escolheu para narrar sua história e situar nosso olhar. Não vemos o restante das paisagens, repletas de desfiladeiros ao redor de Bamyán, a exemplo do lago de águas azuis Band-e Amir, entre outras paisagens que nos arrebatariam os olhos. Não, nosso olhar é enquadrado e delimitado pelo olho da câmera que nos obriga a refletir sobre a paisagem representada. É o ponto de vista da diretora que nos permite ver certas coisas, e “o exame da espacialidade, onde estão situados o ‘o olhar’ e ‘o olhado’ nos abre um campo inédito de análise”, segundo Costa Gomes⁴.

Nesse campo de possibilidades de análise, importa compreender a relação entre a composição das paisagens e a composição das imagens de um filme para produzir algo novo. Nesse ponto, interessa recuperar as paisagens que Hana escolhe para construir as cenas das crianças brincando, os caminhos traçados em direção à escola, os lugares reservados para as emboscadas dos meninos talibãs, as cavernas para aprisionar as meninas, o buraco construído para torturar Abbas, numa referência direta aos americanos no Vietnã, o espaço para o apedrejamento de Baktay. Todos os elementos que estão dispersos, mas que, integrados, dão origem a algo novo e, ao serem montados de acordo com a visão da cineasta, permitem encontrar a narrativa histórica dos fatos desde os acontecimentos de 2001 até 2021. Sem mostrar a guerra real, a ascensão do talibã e a tomada da região de Bamyán, sem mostrar o apedrejamento de mulheres, sem mostrar a tortura real, sem mostrar a destruição das lavouras e dos mercados locais, Hana vai revelando, por meio da história de Baktay, o que aconteceu com o país, com os hazara, com as mulheres, com a educação e a escola na vida de um povo que tinha como primordial o estudo.

As imagens são ferramentas para pensarmos, mas também uma experiência do olhar. O cinema de Hana Makhmalbaf nos presenteia com um filme delicado e forte como a menina Baktay, os hazara e a luta das mulheres afeitas que, desde a retomada do governo pelo Talibã em 15 de agosto de 2021, voltaram a ser impedidas de frequentar a escola, tomando as ruas de Cabul, em 16 de janeiro de 2022, para protestar contra o atual governo.

O tempo que separa o filme de Hana sobre uma menina de seis anos que decidiu transgredir as regras impostas e lutar por sua educação e o depoimento da adolescente Diana, de 15 anos, que foi dormir feliz porque iria voltar às aulas, e viu seu sonho desabar quando soube que não poderia mais frequentar a escola, é de 20 anos. Como se a história tivesse parado num presente distante,

⁴ *Ibidem*, p. 20.

Diana tirou do armário o antigo uniforme preto longo e um véu branco que costumava usar sobre os cabelos presos em um rabo de cavalo e foi à escola. Duas exatas horas foi o tempo que durou sua felicidade, pois, após o início da aula, as meninas foram informadas de que deveriam voltar para a casa. Não estavam mais autorizadas a frequentar a escola. Conta Diana que as meninas se sentaram em frente ao portão da escola e choraram. Esse depoimento não é ficção. É fato ocorrido na atual Cabul. Diante da tristeza de Diana, é impossível não pensarmos no batom de Baktay, no colorido de sua roupa hazara e na determinação de ir à escola “aprender histórias divertidas”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

E BUDA desabou de vergonha. Direção de Hana Makhmalbaf. Londres: Makhmalbaf Film House; Paris: Wild Bunch, 2007. Online (81 min).

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.